

Artesanato

Artistas de Campo Grande utilizam lixo e matéria orgânica para criar peças decorativas

# Reciclagem gera renda e auxilia na conscientização

Renata Volpe

Reciclar significa transformar objetos materiais usados em novos produtos para o consumo. Esse jeito de ajudar a conservação do mundo também está na arte. Em Campo Grande artistas transformam o que era lixo em peças que embelezam e também têm utilidade no dia a dia dos cidadãos.

Vanda Lúcia de Sousa, Dirce Coin e Terezinha Bezerra estão entre os campo-grandenses que reciclam e trabalham em prol de um mundo melhor utilizando a arte como meio de geração de renda e conscientização, ajudando a natureza, pois nada se perde tudo se refaz.

A professora Vanda Lúcia, que trabalha há mais de 12 anos com reciclagem criou um projeto chamado “O luxo do lixo”, um desfile de moda tendo como principais peças artigos fabricados com garrafas pets, jornais, revistas e tampas de garrafa. Segundo ela, esse trabalho tem uma importância social gigantesca, uma vez que, desperta nos alunos um espírito de economia, reutilização, e consciência ambiental.

Terezinha Bezerra trabalha há 25anos com artesanato. Desde criança, a artesã fabricava painéis de barro. E com o passar do tempo foi aprimorando seus talentos, até que descobriu que poderia fazer belas peças com materiais recicláveis, sementes, cedro, jacarandá, folhas de coco, palmeira imperial, dando preferência a matéria prima do Estado.

“Quando vejo um galho caído na rua, já visualizo um belo trabalho”, afirma.

Terezinha, que possui a loja número 22 na Praça dos Imigrantes, ganhou dois concursos promovidos pela Prefeitura Municipal de Campo Grande – Arte de Natal, e guarda com carinho o reconhecimento de seu esforço.

Dom

Dirce Coin, artista plástica, carrega no sangue o gosto pela arte. Desde adolescente aprendeu que toda sucata pode ser reaproveitada, por isso utiliza em seus trabalhos tampas de garrafa pet, de latinhas de massa de tomate além de sementes, vidros, ferro, dentre outros.

“Acredito que o que crio é um dom que tenho, pois ape-



Criatividade - Cadeado transformado em objeto decorativo, mostra como é possível a reciclagem

nas ao olhar para algo que muitos desprezariam, vejo algo que possa me servir, por exemplo, uma garrafa de vidro enfeitei com palmeira imperial e transformei em um porta-

controle”, afirma Dirce.

A arte vinda de materiais recicláveis agrada aos consumidores. Como Geraldina Nazareth, mais conhecida como Dona Dina, que é fã de

objetos reciclados, principalmente de utensílios domésticos e decorativos.

“Gosto de objetos que tenham utilidade em minha casa e dou preferência para aqueles que são reciclados, pois contribuo para a diminuição da devastação ambiental”, diz.

Todas essas mulheres se destacam pela preocupação ambiental, e buscam além do retorno financeiro, um retorno maior: a satisfação de estarem contribuindo para o desenvolvimento sustentável.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Leonardo Amorim  
- Laura Peres Santi

SUSTENTABILIDADE

## Crescimento aliado à preservação

Renata Volpe

A necessidade de reciclar é recente para a população mundial – década de 80, e foi despertada após o aumento significativo da produção de lixo, a diminuição dos recursos naturais, e da conscientização de que estes são finitos, principalmente nos países desenvolvidos.

Campo Grande produz 560 toneladas por dia de lixo, um total de 17 mil toneladas por mês. E apenas

1,5% do material sólido é reciclado.

Atualmente existe uma preocupação significativa com o meio ambiente e tanto os governos quanto as ONGs estão cobrando das empresas posturas responsáveis: sustentabilidade - o crescimento econômico deve estar aliado à preservação ambiental.

Ao contrário do que muitos pensam a reciclagem gera riqueza e renda além de contribuir para a diminuição significativa da poluição do solo, da água e do ar. Os materiais mais reciclados são o vidro, o alumínio, o papel e o plástico.



Anos 80 - Mais lixo levou a necessidade de reciclar

Foto: Renata Volpe



Reconhecimento - Terezinha é artesã há 25 anos e já venceu por duas vezes o concurso Arte de Natal

Foto: Renata Volpe





Alcorão - Badr mostra a paixão pela religião através do Livro Sagrado Islâmico, que traz todos os ensinamentos e comemorações muçulmanas, inclusive o Ramadã, feriado em que aprendem a dar valor a vida



Amor - A jovem mostra a dedicação pelos costumes



Costume - O jejum de ramadã deve ser feito por todos os mulçumanos a partir da puberdade

## Religião

Feriado de ramadã proporciona nova essência à vida dos muçulmanos

# Jejum e oração fortalecem a alma

Paula Maciulevicius

“Olha! Amanhã vou fazer jejum!” comenta alegremente a muçulmana Badr Abu Ghaddara, de 19 anos, a respeito do feriado de Ramadã. Para a jovem que carrega o sangue libanês e a paixão pelo islamismo, o jejum do Ramadã tem de ser feito com intenção. “O sentido não é o de passar fome, e sim pela única razão de adorar a Deus”, completa Badr.

O tradicional feriado islâmico nasceu da revelação do Alcorão, no 9º mês do ano, através do anjo Gabriel ao profeta Mohamad. E desde então, gerações muçulmanas têm comemorado com jejum os trinta dias de Ramadã. Segundo o livro sagrado Alcorão, todos os muçulmanos devem jejuar no período, a partir da puberdade.

O Ramadã tem seu início de acordo com o calendário lunar e a cada ano a data é diferenciada. Segundo Badr há duas maneiras de saber que

dia começa o mês de jejuns. “Se algum muçulmano verdadeiro viu a Lua nova, é sinal de que o próximo dia já é de jejum”, explica. “Outra forma é de esperar, caso ninguém tenha visto a Lua, o 9º mês completar 30 dias. O primeiro dia após esse tempo já é o Ramadã”, completa. No calendário ocidental o Ramadã acontece, aproximadamente 11 dias antes de começar o mês de setembro.

### Jejum

Entre as proibições da fase de jejum estão comer, beber, manter relação sexual e vomitar forçadamente da alvorada até o pôr-do-sol. “É um mês certinho, das 4 e 40 da manhã até às 5 e meia da tarde, de jejum”, ressalta Badr. Com o costume diário de cinco orações, uma pela alvorada, no horário de almoço, às três horas da tarde, no pôr-do-sol, e para finalizar, a noite, no mês de Ramadã, há uma *salat* [oração] voluntária, realizada preferencialmente na mesquita depois da noite.

### Tradição

Badr, filha mais velha da família campo-grandense Abu Ghaddara, explica a cultura islâmica e resume como é ser muçulmana. “Para mim é tudo, eu não seria o que sou, nem teria a personalidade que tenho. A religião influencia como a pessoa vai ser e os seus costumes”, comenta. No período de Ramadã, a estudante de Odontologia diz aprender a dar valor a tudo o que tem.

Para a mãe, Amira Hijazi Ghaddara, de 43 anos, a paixão de Badr pelo islamismo é transmitida para todos. “Ela passa até para mim, que quase não tenho tempo, então ela lê, e cria tempo para a religião”, diz a mãe que ocupa posição primordial na família. Nos costumes médios orientais, é a mãe a chefe da família. “Ela que ensina a rezar e o bom caminho. Os pais carregam tudo aquilo que os filhos não cumprem”, resume Badr quanto aos

filhos muçulmanos.

### Dia-a-dia

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima-se que 1,3 bilhão de fiéis participem dos ritos de Ramadã. Só em Mato Grosso do Sul a comunidade muçulmana é de cinco mil pessoas. E para o cotidiano no período das festividades, são feitas adaptações para quem, por muitas vezes, não consegue cumprir uma das virtudes do Islã. O jejum é opcional para lactantes, grávidas, viajantes há mais de 81 quilômetros de casa e doentes que acharem não ter condição. Para a universitária Badr, a maneira é repor as orações não realizadas durante o dia. “Na faculdade não tem nenhum canto, se tivesse eu levava minhas roupas, meu tapete e rezava lá”, brinca a jovem.

### Eid al Fitr

Para finalizar o Ramadã,

um ou dois dias antes da data de término, cada membro da família deve doar de dois a três quilos de um alimento comum a pessoa muçulmana carente mais próxima, é a chamada “*Zakat Al Fitr*”, onde o representante da família doa os alimentos ou o valor em dinheiro. A festa de desjejum *Eid al Fitr* é realizada após o último dia de Ramadã, onde muçulmanos festejam agradecendo a Deus pela oportunidade de ter feito o jejum. “É assim que a gente sente que sem Deus, você não é nada. O feriado nada mais é do que sentir na pele, como sente quem não tem condições de comer”, desabafa Badr. “Eu sinto um alívio, minha alma mais leve”, finaliza a mãe Amira, com um sorriso de dever cumprido.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Edeusa Centurião  
- Valeska Medeiros



Adoração - A paixão pelo Islamismo começa muito cedo

Foto: Paula Maciulevicius



Balança é a inimiga do jogador

# Atletas de peso dão um show de bola

Laura Peres Santi

O peso dos atletas é um importante fator que influencia no desempenho da modalidade que praticam. Porém há casos em que alguns atletas estão com quilos a mais que o ideal e mesmo sabendo de suas condições continuam a praticar o esporte ou toma a decisão de acertar os ponteiros com a balança para a prática de sua categoria.

Em esportes como vôlei, futebol, basquete e handball, o peso pode ser bastante variado, pois o valor total não corresponde somente a gordura, deve-se levar em consideração o peso dos órgãos, esqueleto e músculos.

É por esse motivo que a forma utilizada para medir o peso dos atletas é por impedância bioelétrica, que é a oposição ao fluxo de corrente elétrica no corpo humano que consequentemente é a soma vetorial da resistência e reatância (oposição à circulação da corrente elétrica). Outro modo para medir o peso é a soma das dobras cutâneas, método que dá uma noção da distribuição da gordura corporal.

De acordo com o educador

físico Lucas Lopes Paniago, de 21 anos, os atletas que estiverem acima do peso correm o risco de sobrecarregar a musculatura, ocasionando lesão, por não estar preparado de forma adequada. Paniago conta também que a vantagem de possuir o peso equilibrado é que ele gasta menos energia para realizar movimentos, por isso tornam-se mais ágeis e se desenvolve mais rápido.

Os “gordinhos” atletas também conseguem se destacar nas categorias de maior peso, conhecida como o peso pesado, no caso do boxe. Conforme o educador físico Paniago, nos esportes que precisam de força os “gordinhos” que praticam e fazem um treinamento rigoroso possuem uma chance maior de se destacar do que um atleta magro. “Em qualquer modalidade para se destacar é preciso ter uma técnica mais apurada, raciocínio, coordenação motora, independente de sua forma física”, conta o Educador Físico.

No caso do ex-atleta, Leonardo Rojas, de 22 anos, ele entrou no time de vôlei na época em que fazia o Ensino Médio no Colégio Santa Tereza, pesando 120 quilos e tendo 1,89m de altura. Ape-



Superação - Mesmo fora de forma, Ronaldo continua surpreendendo seus fãs, provando que o talento é mais importante que o peso

sar de não estar no padrão do peso ideal o jovem possuía um bom desempenho e dedicação no time. Com os treinamentos realizados pelo time, o jovem acabou emagrecendo cerca de 25 quilos. Em 2002, Rojas entrou pra Seleção de Vôlei de Corumbá e se manteve até 2005. Depois que saiu da seleção, passou a treinar voluntariamente alunos de uma escola próxima a sua casa.

Parado há três meses e

meio por conta de uma contusão causada por uma falta, o estudante José Luiz Alves Neto, de 20 anos, já treinou em times como CEINTRE, CEI, SESC, Dom Bosco e UCDB, também participou de campeonatos amadores onde ocupava a posição de goleiro. Nas famosas “peladas”, Neto conta que ia para posição de atacante para não enjoar e se surpreende por ser bem rápido e conta que possui bastante explosão muscular e que

suas articulações são muito bem adaptadas ao seu peso.

Neto ainda conta que iniciou um regime devido o aumento da taxa de colesterol e triglicerídeo na corrente sanguínea, consequência do seu afastamento gerado pela contusão no joelho. “Não é uma lesão grave, mas resolvi acabar com todos esses problemas de uma vez”, diz o estudante. Por indicação médica, Neto faz uma rigorosa dieta há um mês, e continua seus exer-

cícios há três semanas numa academia, e foi dessa forma que já emagreceu 6,5kg. “Nunca fui tão triste nesse período que eu estou sem jogar”, lamenta o estudante.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Otávio Cavalcante  
- Laziney Martins

# Natação contribui na coordenação motora das crianças

Thierry Monaco

Natação é um esporte bastante procurado pela maioria das pessoas, a atividade oferece a integração do recém-nascido ao meio social e estimula principalmente o desenvolvimento do corpo. A demanda de mães que procuram lugares especializados em natação desde o início da vida é grande. Elas procuram o pediatra que indicam o processo de ensino principalmente a partir do sexto mês.

“Depende do desenvolvimento do bebê, e se não há nenhum fator de risco”, acrescenta o pediatra Antônio Faro.

A natação para recém-nascidos compreende basicamente um processo de desenvolvimento e maturação. Por meio de aulas lúdicas, as crianças associam a música aos movimentos feitos durante a prática de ensino.

“Trabalhamos com a coordenação motora, identificação das coisas. Nem toda criança têm a experiência agradável, mas se as que gostam seguem este esporte e talvez competir, o objetivo está alcançado”, comenta a educadora física Aretusa Salomão que tem uma academia especializada no esporte.

Em alguns estabelecimentos as aulas são divididas de acordo com a idade e outras por desenvolvimento. Quando o bebê é recém-nascido, a presença de mãe é imprescindível, pois a confiança é fundamental para o desenvolvimento das aulas. Logo que o bebê cresce e tem o domínio da respiração, imersão e

batimento de pernas, ele já está apto a passar para outra etapa, só que dessa vez sem a presença da mãe.

“Com a natação há um estímulo visual, motor, auditivo e cognitivo, além de proporcionar noções de espaço e tempo, preparando a criança psicologicamente e neurologicamente para o auto-salvamento”, comenta o professor e educador físico Estevão Menezes.

A busca pelo desenvolvimento do corpo não é o único benefício procurado pelas pessoas, mas também o desenvolvimento da mente e a integração da criança ao meio social.

“Em tempos de hoje, onde a tecnologia é introduzida muito cedo na vida das crianças, deixando-as às vezes muito sentadas em frente ao computador, vídeo-game por exemplo, a natação é um esporte que socializa e coloca a criança em contato com pessoas, com o meio social mesmo”, diz Jesusa Ferreira, mãe da Gabriela de apenas 8 meses. Ela destaca a interação do bebê com o meio aquático e com o social, e por isso prefere que a filha pratique esse esporte desde cedo.

Além de proporcionar um bem-estar ao corpo, a natação é um esporte que possibilita que o ser humano seja capaz de se salvar, se manter vivo quando se encontra em perigo em alto mar, e é claro de produzir bons competidores e vencedores, como o campeão Mundial César Cielo, o brasileiro que tem o recorde mundial na categoria 100 metros livres.



Foto:Thierry Monaco

Integração - Crianças e recém-nascidos recebem estímulos para o desenvolvimento do corpo em atividades aquáticas em CG



Serpentes e roedores são mantidos em condições adequadas para utilização em experimentos acadêmicos

# Biotério desenvolve pesquisas

Foto: Ana Maria Assis

## Assessoria de Imprensa

A Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) é reconhecida pela excelência de suas instalações e por manter em funcionamento laboratórios e locais apropriados para pesquisas acadêmicas. Um deles é o Biotério UCDB, eleito por três vezes pelo Ministério da Educação (MEC) como o melhor em infraestrutura de biotérios do Centro-Oeste. O local está em funcionamento desde maio de 2003, auxiliando em pesquisas científicas desenvolvidas na Católica e em outras instituições parceiras. Uma troca técnico-científica deve ser firmada para o processamento do veneno de jararaca liofilizado (transformado em pó) para utilização em estudos contra o câncer.

Biotérios são ambientes em que se mantêm animais em condições adequadas para serem utilizados em experimentos científicos, na produção de vacinas e soros, entre outros usos. Na UCDB, são mantidos roedores e serpentes, com autorização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). “A Católica é a única instituição do Centro-Oeste que realiza o manejo de serpentes. Nos biotérios convencionais, somente os roedores são mantidos para uso em pesquisas científicas”, explicou a coordenadora do local, médica veterinária e bióloga Paula Helena Santa Rita.

Os roedores são utilizados nas mais diversas áreas de pesquisa dos cursos de Medicina Veterinária, Biologia, Farmácia, Nutri-



**Soro** - No Biotério UCDB existem hoje 389 serpentes adultas e filhotes; manejo adequado destes animais permite melhor aproveitamento do veneno que é liofilizado

ção, Fisioterapia, Engenharia, entre outros. São cerca de quatro mil animais que atendem à demanda da graduação e da pós-graduação. Todos os projetos de pesquisa que envolvem o uso de animais passam previamente pelo Comitê de Ética da Instituição.

Além do processamento e exportação do veneno das serpentes, elas também são mantidas para estudos. Atualmente, são 389 animais

adultos e filhotes, de espécies variadas, como, por exemplo, jararacas (urutu, boca-de-sapo, jararacuçu e jararaquinha ou caigaca), sucuris, cascavéis, jiboias. “A fauna ofídica brasileira é muito rica, incluindo os espécimes do Cerrado. Além disso, mantendo esses animais, incentivamos as pessoas a conhecerem mais sobre eles e a constatarem os benefícios que trazem, respeitando-os”, enfatizou Paula. Um dos exemplos citados é que o extermínio das serpentes pode causar a superpopulação de ratos e de outros animais que são nocivos ao homem.

## Liofilização

Com a utilização de aparelhos modernos, a UCDB desenvolveu protocolo para o aproveitamento do veneno das serpentes. Todo o procedimento é feito no Biotério, com a extração do veneno dos animais e o processo de liofilização. “Desenvolvemos um método próprio, em que levamos em consideração a idade do animal e o sexo, porque cada um deles produz o veneno com uma característica distinta”, contou a coordenadora do Biotério. Segundo Paula, esse protocolo é resultado de muitas pesquisas, que consideram todas as variações e características dos animais.

“Foram seis meses de testes até chegarmos a um resultado muito bom. Conseguimos produzir uma média de dez gramas de veneno de jararaca a cada 45 dias. Nosso objetivo é chegar a 40 gramas, no mesmo período. Pesquisas constatarem que um dos componentes do veneno da jararaca do Cerrado pode ser utilizado con-

tra tumores de mama em ratas”, explicou.

A bióloga e médica veterinária explicou ainda que, mesmo em animais da mesma espécie, mas de regiões brasileiras diferentes, há mudanças na composição do veneno.

Entre os diferenciais do Biotério da UCDB estão índices de mortalidade baixos e natalidade alta, bom manejo e uso de uma autoclave hospitalar - usada para esterilizar todo o material do laboratório e garantir o padrão de hie-

ne. Essa infraestrutura garante um ambiente favorável aos animais.

As cobras têm capacidade de retardar a gestação e gerar os filhotes somente quando se sentirem em ambiente seguro e, na UCDB, alguns animais conseguiram se reproduzir, aumentando o número de serpentes disponíveis para pesquisa e produção de veneno.

## Novidades

Entre os projetos em desenvolvimento pela equipe

do Biotério da UCDB, formada por funcionários e acadêmicos extensionistas, está a formação de um museu biológico itinerante, para favorecer a educação ambiental.

O local também está se especializando em medicina de répteis e animais selvagens, já que está se tornando mais comum a aquisição de animais como iguanas, pítons e jiboias como animais de estimação. “Esses *pets* precisam ser tratados e, por isso, começamos a dar assistência e orientação”, disse Paula.

## CAPTURA

# Biotério atende comunidade

Parcerias são mantidas com a Polícia Militar Ambiental (PMA), Exército Brasileiro, Polícia Rodoviária Federal (PRF), Centro de Zoonoses de Campo Grande, com proprietários rurais e instituições de ensino

possibilitam o aumento do número de animais mantidos no Biotério da UCDB. Representantes dessas parcerias foram capacitados para capturar as serpentes que, depois, são encaminhadas para a Católica.

Por mês, há uma média de dez a 15 chamadas para a captura de cobras. “Chegamos a receber um pedido para retirar uma cobra que estava no segundo andar de um prédio!”.

Foto: Arquivo



**Em casa** - UCDB recebe 15 chamados por mês

## SUCESSO

# Exposições atraem público

Qualquer que seja o evento, feira ou exposição, a presença de animais do Biotério da UCDB é certeza de sucesso de público. “A curiosidade é maior que a aversão”, comentou Paula Helena Santa Rita. Os representantes do setor da Católica já estiveram em pelo menos onze municípios do Estado e mais cinco do Paraná. “Não existe animal bom ou ruim. O veneno que as cobras têm não é para defesa, mas para alimentação. Nenhum animal está lá para ferir o ser humano”, afirmou.

Com o lema “Conhecer para respeitar e preservar”, o Biotério apresenta os animais e ensina sobre suas características mais variadas, como troca de pele, as presas, os parasitas que atacam esses animais.

As visitas também ocorrem *in loco*, isto é, no *campus* da Católica. Semanalmente, alunos do ensino médio que participam do Dia de *Campus* — um projeto da Agência do Futuro Acadêmico (AFA) da UCDB — fazem parada obrigatória no Biotério e se encantam com a estrutura que abri-

ga os animais. Visitantes de outras instituições de ensino superior de Mato Grosso do Sul e de outros Estados, assim como pesquisadores e visitantes internacionais, também vêm até a UCDB para conhecer o setor e buscar orientação para implantação de seus próprios biotérios.

Foto: Arquivo



**Evento** - Na Expogrande a grande atração foram as serpentes





**Estudos** - Avanços tecnológicos na área de biometria trazem segurança na identificação de pessoas através de reconhecimento digital da geometria das mãos, íris e retina

## Tecnologia

*Biometria é a identificação de pessoas através de características biológicas*

# Jovens desenvolvem projeto biométrico para identificação

**Tiéli Fernandes**

Você já ouviu falar em Biometria? Tenho certeza que sim, mas não está ligando o nome ao sistema pois já assistiu filmes em que funcionários ou agentes secretos são identificados por leitores de íris, através de reconhecimento da impressão digital ou pela voz, que passa ser a senha do

futuro.

Em Campo Grande existe um estudo sobre o reconhecimento de pessoas utilizando a biometria em sistemas de informação, realizado por dois acadêmicos de Análise de Sistemas. Segundo Leandro Mello Vecchi a idéia do projeto surgiu quando alguns de seus clientes passaram a cobrar mais segurança na identificação de seus usu-

ários, assim começou o estudo sobre a biometria que nada mais é que juntar sistema de informações e a linguagem do programa Java e vale ressaltar que essa tecnologia não é antiga, o novo é apenas o uso da identificação biométrica em computadores. A ideia é substituir as infinitas senhas numéricas que são digitadas em computadores pessoais, empresas

e até caixas eletrônicas pela identificação dos dígitos, da face das pessoas e dos olhos.

Para o criador de sistema Carlos Eduardo da Silva Sotolani, no prazo de cinco anos essa ferramenta realmente fará parte do nosso dia-dia, empresas como bancos, já estão criando sistemas de identificação a partir da biometria digital. Na Unimed em Campo Grande, por exem-

plo autorização de consultas são feitas pela identificação das digitais dos dedos dos clientes. Nas últimas eleições brasileiras também foram realizados testes em urnas eletrônicas digitais.

Uma informação importante é que a biometria não é apenas digital, pois é a ciência baseada na medição precisa de traços biológicos, sendo que ela pode ser realizada através da impressão digital, geometria da mão, íris, retina e reconhecimento facial. Em alguns países já é feita a identificação do sistema de análise da impressão digital para entrar em Institutos oficiais, como na Alemanha e Estados Unidos.

Na Europa judicialmente são necessárias 12 minúcias para saber quem é a pessoa, sendo que um leitor digital simples é capaz de reproduzir com tanta precisão os pontos de identificação a partir da impressão digital, bifurcação, fim de linha, ilha, delta e centro do olho.

Na Capital empresas como Anita Calçados usam o ponto digital para registrar a entra-

da e saída de seus funcionários. Para Maria Eduarda, vendedora essa forma de ponto é melhor que as anteriores, porque não tem como burlar o sistema.

O Sistema Brasileiro do Agronegócio está em fase de teste com o ponto digital, para as jornalistas Bianca Bianchi e Mayara Teodoro essa ferramenta é muito importante porque ninguém se passa por você na empresa, trazendo assim mais segurança. Algumas pessoas que não querem ser identificadas são contra a era do ponto digital, por que assim fica difícil sair mais cedo do emprego.

**Edição de título, legendas e fios:**

- Nilda Fernandes  
- Mirian de Araújo

## CONQUISTE SUA BOLSA DE ESTUDO E ENTRE PARA A UNIVERSIDADE



PARCERIAS




O Projeto DESAFIO UCDB 2010 – In company, é destinado aos funcionários e sócios das empresas filiadas à ACICG ou FIEMS, que já concluíram o Ensino Médio e não estejam cursando ensino superior e nem tenham concluído curso superior.



AMST/UCDB • SET/09

EM FOCO



# Diversidade cultural e a Capital do Pantanal

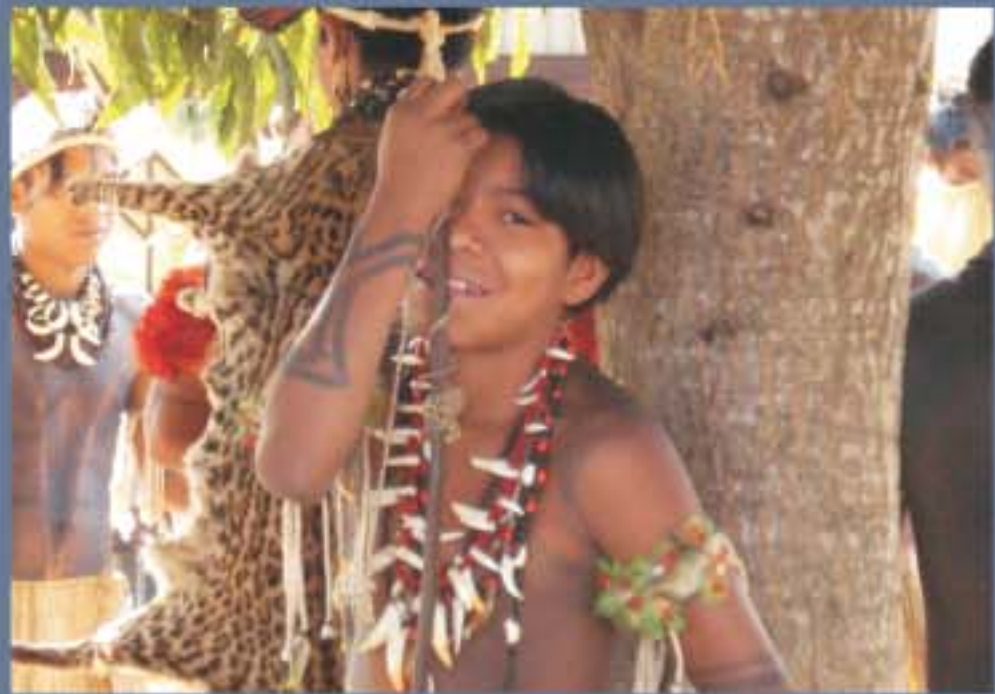


Foto: Caroline Maldonado

Cada um de nós compõe a sua história...



Foto: Laziney Martins

“Pare, olhe e pense: Cidade Morena!”



Foto: Teresa de Barros

“Na rua, na chuva, ou na FAZENDA, ou numa casinha de sapê”...



Foto: Caroline Maldonado

“Ando devagar porque já tive pressa”



Foto: Teresa de Barros

“E levo esse sorriso porque já chorei demais”



Foto: Teresa de Barros

Cada ser em si, carrega o dom de ser feliz!

Textos:  
Rebeca Arruda  
e Renata Volpe





Foto: Arquivo



Foto: Arquivo

**Rebeldia** - Jovens, protestam contra o período da ditadura militar ocorrido no Brasil na década de 1960

## Revolução

O grito e a ânsia pela liberdade movia jovens da época

# Geração de 68 marca história pela rebeldia

**Gabriela Paniago**

*1968: O ano que não terminou* do jornalista Zuenir Ventura, é um dos livros mais importantes sobre a história recente do Brasil, retrata em forma de livro-reportagem histórico, os anos de Ditadura Militar, revoluções que comandaram o Brasil com um golpe, o movimento dos intelectuais, as organizações estudantis e as passeatas, utilizando diversas entrevistas que mostram o início de alguns momentos que tão profundamente marcaram nossa história acompanhado de detalhes deste movimento, cheio de idealismos, divisões internas e muito carregado de intenso romantismo que é transcorrido em tom narrativo.

Nada mais justo do que começar o livro com uma das mais belas festas do mundo, o Réveillon. Zuenir Ventura faz questão de iniciar seu livro comentando sobre a festa promovida pelo casal Luís e Heloísa Buarque de Hollanda. A festa que dava um fim a um

passado. E para o futuro, novas inspirações que traziam consigo o sonho e o desejo. Porém, antes de toda essa beleza, houve a antecipação e a condenação deste novo movimento, do espírito e do clima que contagiavam a geração.

No Brasil, iniciou um governo nunca vivido de pesado autoritarismo. Greves, protestos e falatórios feitos por universitários. Até mortes por causa desses feitos ocorreram. As palavras usadas em guerra não eram qualquer uma, muito menos em qualquer momento, elas se combinavam e seguiam um ritmo. O ritmo da música. A arte musical nessa época não era apenas uma distração e sim uma opção de combater o governo militar e suas censuras, já que os jornais da época não podiam fazer denúncias sobre os comandos do governo. Voltando à música, cantores e compositores chegaram a ser exilados, por causa dos seus versos críticos. De exemplo, são eles: Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso.

O governo de Costa e Silva, encerra o ano de 68 com o Ato Institucional Nº 5, sendo decretado em 13 de dezembro desse mesmo ano. O decreto deu ao poder Executivo liberdade total para interferir nos demais poderes. De modo mais específico, o presidente poderia decretar recesso do Congresso Nacional, cassar mandatos de parlamentares, decretar confisco de bens que acreditava serem ilícitos, intervir nos municípios e Estados, suspender o habeas-corpus e por dez anos decretar suspensas os direitos políticos de qualquer cidadão. Desse modo, o governo militar deixa de ser gestão opressora, para se tornar em uma ditadura, o qual o fim todos desconheciam.

O autor deixa claro em sua obra o que movia os jovens em 68, que era a rebeldia, militância política (tão abordada no contexto da história), a impaciência, contestação, voluntarismo e uma série de sentimentos aflorados. Sempre com a pergunta que deixa espalçar no ar: o ano de



1968 terminou ou não? Essa interrogação permanente nos leva a questionar o mundo em que vivemos hoje, que aponta a despolitização e o individualismo. Apenas uma conclusão é nítida, a esperança vivida naquela época ficou no tempo, como lembrança de um ano que começou cheio de promessas, mas que não se completaram.

Em termos políticos o ano de 1968 deixou a desejar por não cumprir suas propostas, contudo, a transformação de ideias e de toda a geração que se seguiu, se analisarmos a enorme ambição de transformar as pessoas, o país e o mundo de uma hora para outra, torna o referido ano, pequeno para tantas conquistas. Para alguns, uma derrota, para outros, uma história surpreendente vivida a curto prazo. O que devemos lembrar, são jovens brasileiros lutando e desafiando, uma geração presa e censurada que perdeu anos de sua juventude em busca de um sonho. Foi uma época de grandes modificações, derrotas e vitórias segui-

das de lutas, de heróis e de vilões, de dramas e de muitas paixões que desencadearam uma revolução cultural.

Do mesmo modo que o livro é iniciado, ele se encerra com uma festa de Réveillon, porém sem a alegria do último e com a intranquilidade causada pelos exílios. Ao terminar o livro, Zuenir ressalta que outro Réveillon como aquele não terá mais, e que por mais que o ano tenha chegado ao fim, não queria dizer que as ações ocorridas durante aquele período também chegara ao fim, pois as consequências ainda estavam por vir, nos próximos anos e gerações.

Como herança restou sobre esse período, a democracia e não mais a ditadura. O livro remete ao pensamento: O que fizemos de nós? Quando notamos os jovens anestesiados pela falta de projetos e objetivos concretos, ou até mesmo a pergunta: O que faremos daqui pra frente? Já que nos deparamos com uma massa coletiva empurrados pela mídia que troca a ética pela estética e cida-

dãos sem modelo político que sirva de exemplo.

O objetivo principal é mostrar que mesmo depois de 40 anos, os sonhos e decepções daqueles que acreditaram nas mudanças culturais e políticas ainda permanecem inesquecidos, por isso, Zuenir trata com carinho essa geração, mesmo em alguns comentários duros e de críticas, seu olhar não é nostálgico e nos faz crer que sempre é possível revisitar um passado e tirar dele novos conceitos. 1968 foi um ano marcado por audaciosas experimentações, não só na política como também no comportamento.

Por que 1968 não terminou? O livro enumera algumas peculiaridades que ficaram para trás em 1968 como o comunismo e seus princípios que serviram de ameaça militar para amedrontar a população assim como as ideias de Mao, Marx e Marcuse. A lista de coisas que viraram passado vai desde coisas fúteis como o sexo sem camisinha, até temas culturais como os filmes de Godard. Contudo o número do que prevaleceu é gigantesco. Notamos primeiramente o capitalismo crescente e a pílula anticoncepcional que contribuiu para a revolução sexual e, hoje as mesmas são vendidas sem receita médica ou muitas vezes distribuídas gratuitamente pelo governo. Sem contar as minissaias e principalmente os sonhos.

Somos frutos da geração inquieta de 68, ou da geração Paz e Amor, como o autor gosta de definir. O livro responde que os sonhos não se realizaram, apenas ficaram adormecidos ao meio de mudanças mundiais, mas a verdade é que muitos dos sonhos ficaram pendentes na esperança de que outras gerações os realizem.

**Edição de títulos, legendas e fios:**

- Paula Maciulevicius  
- Thierre Monaco

## HISTÓRIA

**Caroline Maldonado**

Em a A Ilha- Um repórter brasileiro no país de Fidel Castro, o jornalista Fernando Moraes discorre sobre o antes e depois da Revolução Cubana em 1954, por meio de relatos de fatos ocorridos, alguns comentários de quem vivência a nova ordem do país e entrevistas com o chefe de Estado Fidel Castro e com vice-primeiro-ministro Carlos Rafael Rodrigues.

Este não é um livro que vai agradar quem procure críticas ou veneração da história de Cuba a partir de 1954, mas a quem se interessa em descobrir a vida do cubano, duas décadas após a revolução. Aquele que nasceu sem conhecer a vida capitalista ou as guerrilhas e também, o simples cotidiano do velho cubano, que não se queixa ou elogia o sistema comunista, mas apenas fala de seu dia-a-dia.

Moraes trata a po-

lêmica, mas de outro ângulo. Extraordinário parece ser a qualidade que melhor define a obra de Moraes que, certamente, traz nas entrelinhas uma mensagem vermelha, mas por um meio inédito, sem acusações, defesa ou argumentações sobre o polêmico “mundo” de Fidel Castro e seus companheiros.

As estatísticas são frequentes no decorrer do livro para comparar a situação da sociedade cubana do governo de Fulgêncio Batista até 1954, e a atualidade 1976, quando foi publicada a 1ª edição da obra. As técnicas de pesquisa e entrevista caracterizam A Ilha como livro-reportagem. O tipo de abordagem esclarece e dá veracidade aos próprios relatos do autor, bem como aos de suas fontes. Talvez a polêmica em torno dos meios de produção comunista que sustenta o Estado Cubano e instiga críticas de todos os grandes países capitalistas, tenha sido a motivação do repórter brasileiro para ir ao país em uma entusiasmada pesquisa de campo. Num único país da América Latina que não tem favelas e nem há inflação, não existe extremos sociais, tais como, miséria e riqueza. A sociedade constitui uma só classe com diferen-

ças pequenas de salários. Serviços como educação, saúde, segurança, habitação, são de inteira responsabilidade do Estado e gratuitos, não havendo margem para criação de serviços privados, já que são considerados satisfatórios e assim, reconhecidos mundialmente.

O retrato do país é constituído por Moraes, por meio da voz de pessoas comuns, autoridades e de resgate histórico. Fragmentos do cotidiano cubano traçam o cenário que o autor pretende elucidar. Porém, Moraes revela um país contado por cubanos que não têm grandes críticas a fazer com relação à ordem político-social instaurada com a revolução. O depoimento de suas fontes, escolhidas a dedo, em nada lembram o perfil traçado pela mídia em relação ao país, considerado não democrático.

O critério utilizado para escolha das fontes, além de mostrar as qualidades da organização social cubana, certamente, conduz o leitor a concluir que o país tão distinto da, quase que totalidade dos demais países do mundo, é um bom lugar para se viver. A Cuba de Fernando Moraes, diferente da que vemos nos canais de televisão ou, da que lemos na opinião dos capitalistas atuantes no cenário da

política mundial, é abrigado de uma gente satisfeita com a ordem social, que no máximo pensa que o sistema absorve melhor os mais jovens, filhos da década de 50, mas nem de longe crítica as decisões e o resultado do trabalho de Fidel Castro, seu chefe de Estado.

Na política instaurada pela revolução cada cidadão tem uma quota de alimentação e vestimentas, os excedentes têm o preço elevado. Preço este que, segundo um motorista que acompanhou Fernando em Cuba, “garante (por lei) o leite de toda criança de até sete anos de idade e todo velho de mais de 65 anos. Uma coisa paga a outra”. Cada supermercado abastece uma determinada região. Somente para os produtos não essenciais o governo aderiu ao mercado negro, estes podem ser comprados em qualquer lugar, porém mais caros, para desestimular o consumo interno de produtos de exportação, como o charuto, o rum e os cigarros.

Para ilustrar a consciência e a aceitação desta medida pela população o depoimento sobre o assunto fica por conta do amigo de Fidel que fuma de 10 a 15 charutos por dia e

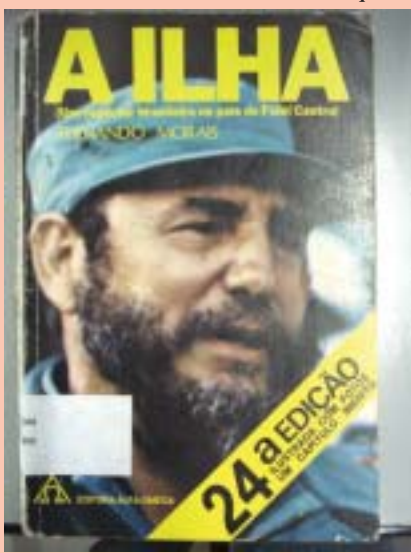


Foto: Arquivo

**Livro** - A Ilha de Fernando Moraes descreve a revolução cubana de 54

como qualquer outro cubano, paga caro por isso. “Sinto-me como se estivesse sustentando um filho que vivesse em Paris, o preço é o mesmo”, contou.

A ordem e classificação dos capítulos do livro tornam a leitura agradável e didática, de modo a despertar a curiosidade pelas próximas laudas do pequeno livro do autor que se atreve a, em menos de 200 páginas, retratar o cotidiano cubano. Aliás, sua intenção parece mesmo ser de mostrar a outra face do país comunista, a voz, o pensamento e a rotina de quem, simplesmente, vive na ilha.



Instituição oferece educação de qualidade e gratuita para jovens que estudaram em escolas públicas

# Instituto que materializa sonhos

Míriam de Araújo

Eu tenho um sonho... Que meus filhos sejam julgados pela sua capacidade e não pela cor de sua pele, (Martin Luther King). Foi através dessa frase que o juiz aposentado Aleixo Paraguassú Neto, resolveu realizar seu sonho também, que era encontrar um local para oferecer educação de qualidade e gratuita para pessoas oriundas de escolas públicas, mas principalmente negros, que segundo ele já traz dentro de si um preconceito social e econômico que a própria sociedade embutiou no indivíduo, então criou o Instituto Luther King, no ano de 2003.

“Os negros trazem consigo um preconceito que a própria sociedade lhe ofereceu. Se formos analisar os números, a maioria dos negros está nos serviços braçais”, diz Paraguassú.

Segundo o presi-



Foto: www.lutherking.com

Atitude - Juiz aposentado Aleixo Paraguassú Neto, presidente e idealizador do Instituto Luther King recebe homenagem

dente da ONG, são poucos os negros nas universidades. “Devido ao alto índice de evasão escolar, o estudante tem que escolher entre trabalhar ou estudar, e infelizmente não pode se dar ao luxo de ape-

nas estudar, deixa a escola e vai trabalhar, na esperança de ter um futuro promissor, mas, infelizmente não acontece, ele continua trabalhando por toda a sua vida e na mesma situação”, relata

Há seis anos o professor Tsinduka Uta, ensina história da África para os 160 estudantes do curso pré-vestibular oferecido pelo Insituto Luther King. Ele explica que o preconceito destinado aos negros e pobres afetou a auto-estima dessas populações. “Eles não se sentem capazes de concorrer a uma vaga no mercado de trabalho, ainda mais na falta de estudo, o que dificulta ainda mais a vaga, mas esse preconceito não é algo da modernidade ele acompanha os negros desde a abolição, foi dada a liberdade, mas infelizmente, ela não veio acompanhada de terras e educação, deixaram os escravos livres, mas jogados, eles se tornaram desempregados livres, surgindo aí o estereótipo ‘negro é vagabundo’”, explicou Uta. Com mais de 5 anos o Instituto como é carinhosamente chamado pelos alunos e ex-alunos, já auxiliou no ingresso de mais de 250 jovens nas universidades públicas e privadas.

Segundo a coordenadora Janilce, “hoje o instituto conta com 160 alunos distribuí-

dos em 4 salas”, relata.

Mas além de oferecer educação de qualidade, a instituição oferece também, aconchego familiar, como relata o ex-aluno Bruno de Oliveira, hoje acadêmico do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. “Minha vida se resume em dois períodos, um antes do instituto e outro após o instituto, ele na minha história serviu como divisor de águas, ele representou uma das partes mais importantes na minha história, aqui não éramos apenas alunos, nos considerávamos como uma família, o pai era o doutor Aleixo, que em todos os momentos importantes estava próximos a nós”, conclui.

Ana Paula Roque, também ex-aluna, acadêmica do curso de Ciências Contábeis na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), relata que antes não achava que poderia cursar o ensino superior. “Eu tinha um sonho de cursar o ensino superior, mas devido às condições financeiras da minha família, meu pai gastava muito

em remédio, por que sempre foi muito doente, minha mãe se virava nos 30, de repente surge a oportunidade de fazer um curso pré-vestibular gratuito, me inscrevi e consegui a vaga, foi um dos melhores anos da minha vida, fiz amigos de verdade, além de tudo ainda consegui bolsa de estudos para cursar a faculdade, foi um sonho realizado”, finaliza

A esperança de ter o tão sonhado diploma fez com que jovens como Bruno e Ana Paula, fossem inseridos no contexto social da sociedade sul-mato-grossense.

Mas os anos passam e esses alunos agora acadêmicos, e chamados de ex-alunos do instituto, continuam frequentando a antiga escola. “É um prazer tê-los aqui, diariamente recebemos a visita de um ex-aluno, sempre deixamos claro que nossa família não acaba no final do ano, ela persiste por todos os anos, nas comemorações fazemos questão de convidá-los, por que é um privilégio contar com a presença de pessoas que fizeram parte de nosso desenvolvimento e nos proporcionou momentos de grande alegria”, relata Paraguassú.

“Não vou deixar jamais de ir no instituto, lá me sinto como se estivesse em casa, sou sempre bem recebida, lá é nosso ponto de encontro, marcamos de sair mas antes nos encontramos no ILK, não tem como vir ao centro e não dar uma passadinha rápida”, finaliza Ana Paula.

Eu tenho um sonho... “Eu realmente tive um sonho, e graças à Deus consegui realizar meu sonho, mas continuamos na busca de realizar o sonho de Martin Luther King”, conclui Aleixo Paraguassú Neto.

Edição de títulos, legendas e fios:

- Haryon Caetano



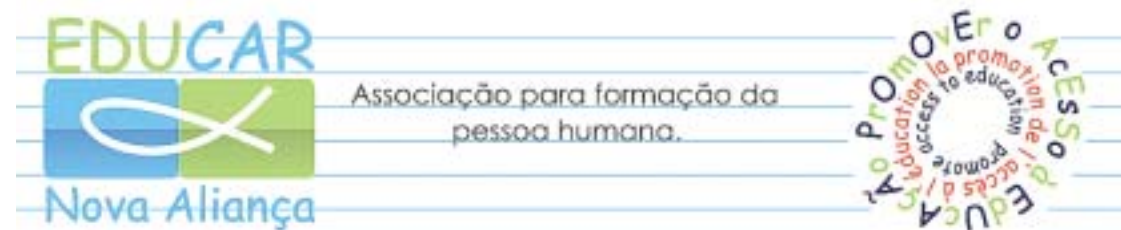
Luta - O sonho de igualdade de Luther King serviu de exemplo para fundação da ONG em CG

## Preocupação social favorece o surgimento de Ong's sócioeducativas

Rebeca Arruda

O engajamento social é algo muito comentado nos dias de hoje, sociedades filantrópicas crescem cada vez mais no mundo em que vivemos. Ajudar ao próximo parece ser o lema do mundo moderno, e tem atingido pessoas de todas as classes sociais, etnias, tribos, povos ao redor do planeta. O egocentrismo perde espaço, enquanto a humanização ganha território, e se for assim pelos próximos vinte anos, as sociedades mundo afora podem comemorar mais um grande avanço conquistado pelo ser humano.

Não é preciso ir muito longe para conseguir entender a dimensão do que se fala. Isaías Bosco, de 27 anos, nascido em Campo Grande, e criado no Rio de Janeiro, é fundador de uma Organização Não Governamental que promove a educação a jovens e crianças caren-



tes. O projeto surgiu no final de 2008, mas ganhou força esse ano, em fevereiro, quando ele com o apoio de amigos que tinham inclinação para o trabalho filantrópico reuniram forças para levar o sonho adiante. O objetivo principal do projeto “Educar Nova Aliança” é promover o acesso à educação, em parceria com creches, escolas e cursos profissionalizantes.

Isaías conta com a colaboração de Vinicius Machado, Claudio Bosco Junior, Sabrina, Tyara Rodrigues, Jana Monteiro, Claudia Torres, Adan, Waldir, e outros jovens campo-grandenses que o ajudam a tornar este projeto uma realidade.

A Ong ainda dá seus primeiros passos em direção a uma caminhada de ajuda social, promove seus primeiros eventos, ainda há muito por fazer, e por enquanto o projeto se mantém de doações de todo tipo, mas Isaías tem um

plano de patrocínio para empresas e colaboradores, com projetos de auto-sustentação, o que ajudará muito na permanência da Ong no futuro.

“Temos recebido o apoio de praticamente todos, fiz uma enquete em meu blog e pude perceber que a maioria das pessoas gostam ou aprovam este tipo de trabalho, metade delas gostaria de participar de um trabalho semelhante, e mesmo quem não quer participar acha interessante”, afirma o fundador da Ong.

O jovem que é empresário se dedica a manter o projeto que nasceu, segundo ele, de um profundo sentimento de responsabilidade pela mudança da situação educacional, emocional, física, social e econômica em que se encontram muitas crianças e adolescentes no nosso País. “Nosso projeto tem como objetivo principal promover o acesso à educação, devido a

grande importância que damos à ela”.

Acreditando na teoria de que a educação está intimamente ligada às possibilidades que uma pessoa tem de melhorar de vida, ele acrescenta: “Acredito nela como oportunidade de crescimento pessoal, social e profissional à nova geração e até mesmo aos pais destas crianças e jovens atendidos”.

Os familiares apóiam e ajudam de várias maneiras, com doações, participando ativamente para incentivar e não deixar morrer esse que é um dos mais belos projetos na vida de um ser humano: ajudar ao próximo.

“Um ato de amor necessário”: assim Isaías define em uma única frase a iniciativa da ONG EducAR Nova Aliança.

Para ajudar o projeto “Educar Nova Aliança” o contato é: educarnovaalianca@engrenne.com.br (67)3029.4403 e (67)9267.6814.

**VOCE SABE QUAIS SÃO OS SEUS DIREITOS DE CONSUMIDOR?**

**PAGOU POR ALGO QUE SÓ DEU DOR DE CABEÇA?**

**O PRODUTO OU SERVIÇO NÃO CONDIZ COM A PROMESSA?**

**RECORRA AO PROCON FONE: 151**

**APOIO:**